

Adjetivos em *-vel*: Formação e Produtividade

Heloisa Maria Moreira Lima Salles
Maria Aparecida Curupaná da R. de Mello
Universidade Nacional de Brasília

Resumo:

Neste trabalho propõe-se a formulação de um critério semântico em termos sintáticos para dar conta de formas adjetivais em *-vel* que são atestadas no português brasileiro (PB), embora suas bases verbais não estejam dicionarizadas. Adotamos a Teoria da Estrutura Argumental e a regra de externalização de argumento interno de Williams (1981), propondo generalizar sua aplicação não só sobre o objeto direto, mas também sobre o objeto indireto, com a reanálise da preposição. Discutimos questões de produtividade e criatividade na formação de novos itens lexicais, nomeadamente, nos derivados em *-vel* do PB.

Palavras-chave: produtividade; criatividade; estrutura argumental; regra de formação de palavra.

Abstract:

In this study, a semantic approach is formulated in syntactic terms in order to account for the derivation of adjectives in *-vel* which are attested in Brazilian Portuguese (BP) although their verbal bases are not found in the dictionary. We adopt the theory of argumentative structure and the rule of externalization of the internal argument as formulated in Williams's (1981), and suggest its application not only to direct objects but also to indirect objects, assuming the grammaticalization of the preposition. We further discuss the notions of productivity and creativity by which new lexical items are formed, namely, adjectives in *-vel*, from BP.

Key-words: productivity; creativity; argumentative structure; word formation rule.

Résumé :

Ce travail propose la formulation d'un critère sémantique en termes syntaxiques pour considérer les formes adjectives en *-vel* qui sont attestées dans le portugais brésilien (PB), quoique ses bases verbales ne soient pas dans le dictionnaire. On a adopté la théorie de la structure de l'Argumentation et la règle d'externalisation de l'argument interne de Williams (1981) proposant généraliser son application pas seulement sur l'objet direct, mais aussi sur l'objet indirect, avec la re-analyse de la préposition. On a discuté les questions de productivité et de créativité dans la formation de nouvelles parties lexicales, nominalisées, dans les dérivés en *-vel* du portugais brésilien.

Mots-clés: productivité ; créativité ; structure de l'argumentation ; règle de formation de mot.

Introdução

Em época de campanhas eleitorais são encontradas recorrentemente no Português do Brasil formações como ‘presidenciável’, ‘prefeitável’, ‘reitorável’. A interpretação que se depreende é a de ‘pessoa com atributos tais que as tornam passíveis de eleger-se ou concorrer aos cargos de presidente, prefeito e reitor, respectivamente.’ Tais formações podem ser comparadas a outros adjetivos em —*vel*, como ‘lavável’, ‘compreensível’, cuja regra de formação é a seguinte:

(1) $V_{\text{lavar/compreender}} \rightarrow A + \text{-vel}_{\text{lavável/compreensível}}$

(= de um verbo forma-se um adjetivo pela anexação do sufixo *-vel*)

Nesse sentido, uma forma de analisar a formação de ‘presidenciável’, ‘prefeitável’, ‘reitorável’ é considerar que são derivadas dos verbos ‘presidir’, ‘premiar’ e ‘reitorar’. Embora de recente ocorrência na língua, ‘presidenciável’ e ‘prefeitável’ constam do dicionário Houaiss, com comentário etimológico que aponta sua formação a partir dos verbos ‘presidir’ e ‘premiar’, os quais, por sua vez, não constam como verbetes no mesmo dicionário.

Cabe então indagar se tais verbos são aceitáveis no dicionário mental dos falantes. Uma forma de responder é dizer que a produtividade lexical gera os verbos ‘presidir’ ou ‘premiar’ em analogia com ‘gerenciar’ ou ‘auditar’, designadores de funções definidas pelos nomes ‘gerente’ e ‘auditor’, respectivamente. Outra possibilidade de análise, formulada em Basílio (2002:58), é considerar que os adjetivos ‘presidenciável’, ‘prefeitável’, ‘reitorável’ são derivados das bases nominais ‘presidente’, ‘prefeito’ e ‘reitor’, as quais remetem a funções ou cargos, o que implica uma seleção com critérios semânticos em detrimento dos critérios sintático e morfológico. Ainda que a formação de ‘presidenciável’, ‘prefeitável’ e ‘reitorável’ ocorra mediante palavras-base nominais, sabe-se que a aplicação da regra mencionada em (1) privilegia verbos transitivos, preferencialmente transitivos diretos que admitem apassivação.¹

Tais fatos apontam para a relação entre processos morfológicos e sintáticos, além de remeterem à discussão acerca da produtividade lexical, em que atuam

¹ De fato, a regra $V \rightarrow A + \text{-vel}$ pode ser comparada ao processo de apassivação, em que há transposição de argumentos: o argumento interno passa a externo, e o argumento externo pode ser omitido. Essa questão será retomada.

fatores como generalidade de aplicação das regras de formação, transparência semântica, probabilidade de ocorrência, bem como processos que bloqueiam a ocorrência de forma que não se enquadram na regra de formação. Trata-se, portanto, de um fenômeno que revela a capacidade criativa dos mecanismos da linguagem humana: além do conhecimento dos itens lexicais, o falante detém a capacidade de acionar os mecanismos morfológicos disponíveis na língua (Regras de Formação de Palavras - RFP) para a formação e reconhecimento de novos itens lexicais.

O presente estudo tem por objetivo analisar o surgimento no Português do Brasil das formas adjetivais 'presidenciável', 'prefeitável', 'reitorável'. Será proposto que são formados a partir de estrutura causativa analítica, constituída do auxiliar causativo e do nome/substantivo que designa a função ou cargo – 'presidente', 'prefeito', 'reitor', respectivamente. Nesse aspecto, a análise se aproxima da proposta de Basílio (2002:58), segundo a qual as formas 'presidenciável' e 'prefeitável' são derivadas de nomes/substantivos que denotam cargos ou funções, o que marca uma seleção com critérios semânticos. No entanto, o critério semântico recebe formulação sintática, considerando-se a capacidade de predicar dos nomes/substantivos relevantes em estruturas causativas analíticas.

A formação dos adjetivos 'presidenciável', 'prefeitável', 'reitorável' será, por sua vez, distinguida dos casos em que a aplicação da regra implica a reanálise das propriedades de transitividade da forma verbal que serve de base, como em *(in)crível*, cuja formação supõe que o verbo transitivo indireto *crer* seja reanalisado como transitivo direto. Será proposto que a reanálise se aplica essencialmente aos casos em que a preposição introdutora do objeto indireto é lexicalmente selecionada pelo verbo, ocorrendo sintaticamente como marcadora de Caso, o que explica que pode ser omitida em contextos em que essa função se esvazia, sendo o argumento relevante realizado sintaticamente como objeto direto.

A discussão será desenvolvida como a seguir: na seção 2, serão apresentados alguns aspectos morfológicos e morfofonológicos do sufixo *-vel*, a serem discutidos em relação ao conceito de produtividade; na seção 3, será detalhada a

relação entre a formação morfológica dos adjetivos em *-vel* e propriedades sintáticas das bases verbais, considerando-se a teoria da estrutura argumental de Williams (1981); na seção 4, alguns aspectos da formação dos adjetivos em *-vel* apresentados nas seções anteriores serão discutidos em relação ao conceito de produtividade.

O sufixo *-vel*: aspectos morfológicos e morfofonológicos

Do latim *-bĭlis*, que significa algo 'passível de' ou 'agente de' processo indicado pelo radical verbal, o sufixo *-bil* chega ao português como *-vel*. Na passagem para o português há vários casos de /b/ → /v/, como *brabus* → *bravo* ou *caballus* → *cavalo*. Assim, pela mesma regra tem-se *-bil* → *-vel*. Segundo o dicionário eletrônico Houaiss, em Camões, havia a variação *-bil* ~ *-vel* (*possível, imóvel; notável, memoráveis*).

No francês, o sufixo latino manteve sua articulação oclusiva: *-able* (*notable* 'notável'), correspondente do sufixo *-ar* do alemão e *-able* do inglês. Vale lembrar que, no inglês, *-able* ocorre também como forma livre, mantendo sua carga semântica em expressões como: (...) *to be able to compete* (...) ['ser capaz de competir']. No português, como qualquer afixo, trata-se de uma forma presa. Impõe, portanto, acréscimo semântico a uma base à qual é afixado. Como resultado, tem-se 'algo ou alguém que é passível ou capaz de manifestar a significação definida pela base', como em (2):

(2) lavar (=limpar com água e/ou água e sabão)

lavar + *-vel* → lavável (= algo que pode ser limpo com água; algo passível do processo de lavar)

Na formação de nomes/substantivos a partir de adjetivos em *-vel*, a forma primitiva *-bil* é recuperada quando da aplicação da RFP que anexa o sufixo *-dade*, como em *notável* → *notabilidade* (cf. (3)).

(3) A → N_{dade}

(*-vel* > *-bil* / ____ *-dade*)

Mesmo sendo uma sílaba pesada de estruturação CVC, o sufixo *-vel* não leva a tonicidade do vocábulo derivado com sua afixação – diferentemente da maioria dos sufixos, como *-dor*, *-ista*, *-eiro* etc, que levam a tonicidade no derivado, produzindo, portanto, vocábulos oxítonos. Por sua vez, os vocábulos formados a partir da regra: $V \rightarrow A_{-vel}$ são paroxítonos e, de acordo com a conjugação verbal da base, o acento recai na vogal pré-sufixal, como em *amável*, *indelével*, *cabível*, *móvel* e *solúvel*.²

De acordo com os padrões definidos pela escala de intensidade do vocábulo formal de Mattoso Câmara (1999, p.70 e 71) o sufixo *-vel* tem padrão acentual 0, uma vez que se localiza imediatamente depois da sílaba tônica, ou seja, na posição pós-tônica. Os sufixos sem essa característica e que carregam o acentoônico têm padrão de intensidade maior, ou seja, o padrão 3.

As propriedades morfofonológicas da afixação em *-vel* situam o processo de formação de adjetivos em *-vel* como produtivo, de acordo como critério formulado em Kiparsky (1982), a ser retomado na seção (4).

O sufixo *-vel*: aspectos morfossintáticos

Nos arranjos e processos formadores de palavras da língua, acham-se a derivação e a composição. O processo de composição combina o significado de dois vocábulos existentes na língua, originando um novo significado, pressupondo, portanto, a existência de dois morfemas lexicais (duas formas livres ou duas palavras-base) que estabelecem uma fusão semântica. A derivação, por seu turno, faz uso de afixos (formas presas) agregados a uma base mediante a possibilidade de esses mesmos afixos estarem à disposição do falante nativo em

² A conjugação verbal tende a selecionar a vogal tônica a ser afixada nos derivados. Assim tem-se: a 1ª conjugação *-ável* (lavável); a 2ª e 3ª conjugações *-ível* (incrível); as formas em *-ével* e *-úvel*, que parecem ser de entrada etimológica (do ponto de vista da produtividade de ocorrências, essas formas parecem ser menos produtivas); as formas em *-óvel*, que vêm da forma sincopada de lat. *movibilis* → *móvel*, comportando-se como palavra base na formação de compostos como ‘automóvel’, ‘papamóvel’ etc. Note-se que a formação composta produz substantivos e não adjetivos.

seu sistema. Pelo critério morfológico, o sufixo muda a classe gramatical enquanto o prefixo muda o sentido da palavra. Talvez, por isso, a prefixação seja mais percebida pelo falante.

Sabe-se que o grau de produtividade de cada afixo está relacionado com a formação e interpretação de novas palavras por parte desse falante. Como ressaltado em Basílio (1989:28-29):“A derivação obedece a necessidades nocionais e de caráter mais fixo e de teor mais geral (...) desse modo, o processo de derivação é mais produtivo do que o da composição, devido ao teor de generalidade de suas funções.”

Voltando à regra que produz adjetivos em *-vel* ($V \rightarrow A + -vel$), apontou-se que tem aplicação direta com verbos transitivos, preferencialmente transitivos diretos que admitem apassivação. Em particular, a forma derivada predica de um paciente potencial definido nas propriedades semânticas do verbo que serve de base à derivação. Tais propriedades têm sido objeto de ampla investigação na teoria sintática.

Em algumas abordagens teóricas, o mapeamento sintático dessas propriedades é referido como *valência verbal*. No quadro teórico gerativista, a relação entre aspectos semânticos da valência e a sintaxe deu origem à teoria dos papéis temáticos ou funções T (*theta roles* ou *roles*). Segundo Raposo (1998:283), “a entrada lexical de cada verbo possui uma *grelha temática* que especifica o número e a função dos seus argumentos.” Essas funções T ou esses papéis temáticos podem ser dos seguintes tipos:³

- A. agente: instigador da ação verbal
- B. instrumento: objeto que auxilia o agente na prática da ação
- C. alvo: ponto de chegada da ação
- D. origem: ponto de partida da ação
- E. locativo: localização da ação
- F. benefactivo: beneficiário da ação

³ Sabe-se que há diferenças na designação desses papéis de uma teoria para a outra. O presente quadro busca contemplar um apanhado dos papéis temáticos mais recorrentes entre as teorias.

G. experienciador: afetado pelo processo psicológico da ação

H. tema: sofre movimento ou estado atribuído pelo verbo

Raposo (1998:284) destaca ainda que o conhecimento do falante vai além da lista de argumentos e papéis temáticos, chegando ao posicionamento de cada um desses argumentos na oração, e podem ser exemplificadas nas construções em (4):

- (4) a. João cortou a maçã com a faca (agente)
- b. A maçã está cortada (tema)
- c. A faca cortou a maçã (instrumento)

Assim, a estrutura argumental do verbo *cortar* pode ser representada como a seguir:

- (5) Cortar (João_{agente}, maçã_{tema}, faca_{instrumento})

De acordo com Spencer (1995), E. Williams, na obra *Argument Structure and Morphology*, de 1981, foi o primeiro a apontar o papel da estrutura argumental na morfologia, afirmando que muitas alternâncias na valência de um verbo resultam de regras que afetam a estrutura argumental, a que se associam processos morfológicos.

Segundo Williams (1981), o verbo *cortar* em (4) e (5) seleciona os argumentos citados, sendo um deles realizado fora da projeção do sintagma verbal (*verbal phrase* – VP), o chamado de argumento externo, e os demais realizados dentro da projeção máxima do VP, por essa razão, chamados de argumentos internos. Essa abordagem leva às seguintes generalizações:

- I. Nem todos os verbos possuem argumento externo;
- II. Quando selecionado pelo verbo, o argumento externo ocupará a posição de sujeito;
- III. O agente, preferencialmente, ocupará a posição de sujeito.

No caso da formação dos adjetivos em *-vel*, a forma resultante predica do argumento interno do verbo que serve de base. Na discussão desse processo, Williams propõe regras como externalização (quando o argumento externo passa

a interno) e internalização (quando o interno passa a externo). Formações como as de adjetivos em *-vel* envolvem a primeira, mas não a segunda. Assim, aplicando-se a regra de externalização a construções como em (6), verifica-se que a forma resultante predica do tema argumental (cf. (7a)), mas não pode predicar do agente (cf. (7b)) nem de argumento que não é tema do verbo transitivo (cf (7c)):

(6) Bia_{agente} *vendeu* sorvete_{tema} ao gerente_{benefactivo}

(i) Bia (argumento externo)

(ii) sorvete (argumento interno)

(iii) o gerente (argumento interno)

(7) a. O sorvete é *vendável*

externalização: o argumento interno passa a externo

b) *Bia é *vendável*

externalização: não se aplica à função T agente

c) *Gerente é *vendável*.

externalização: não se aplica à função T alvo

Verifica-se ainda que a regra de externalização não se aplica a argumento de verbo intransitivo, seja ao argumento interno de verbos inacusativos (cf. (8a)), seja ao argumento externo de verbos inergativos (8b):

(8) a. *Bia é *crecível*

b. *Bia é *chorável*

Em síntese, a regra de afixação com o sufixo *-vel*, que cria adjetivos a partir de palavras-base verbais ($V \rightarrow A_{-vel}$), apresenta as seguintes restrições:

I. Aplica-se a argumentos internos de verbos transitivos diretos que admitem *apassivação*;

II. Não se aplica a verbos intransitivos;

III. Não se aplica a argumentos internos de verbos transitivos indiretos.

Por um lado, o processo de externalização apontado na teoria de Williams (1981) prevê formações do tipo '*cheirável, fechável, jogável* etc, que envolvem a chamada 'inércia morfológica', por se encontrarem estagnadas, embora possam ser ativadas a qualquer momento na comunidade lingüística com chances de sucesso devido à sua boa formação gramatical (cf. Rocha 1998). Por outro lado, algumas formações consideradas boas pelos falantes e com condição de produtividade na comunidade lingüística que as utiliza parecem suspeitas quanto à formação, ou seja, parecem incompatíveis com a regra. É o caso de *inacreditável, incrível, confiável, razoável*, por exemplo, e também *imexível, gostável*, que predicam de argumentos internos de verbos que não são transitivos diretos.

Além disso, cabe explicar as formações 'presidenciável', 'prefeitável', 'reitorável'. Na seção a seguir, serão discutidas essas questões, em relação ao conceito de produtividade.

Formação de adjetivos em *-vel*

Como demonstrado, a formação de adjetivos em *-vel* coloca vários problemas para a teoria gramatical. Em particular, verifica-se que a RFP segundo a qual a forma resultante predica do argumento interno do verbo que serve de base não pode ser generalizada para todos os adjetivos em *-vel*. Sandmann (1991) sugere que, nos casos que escapam à regra da transitividade direta da base, não havia a exigência desse traço quando da formação desses itens. Porém, quando acontece o acionamento da regra para uma formação nova, ou seja, no estágio atual da língua, esta vai estar de acordo com a proposta de Williams (1981) especificada acima, isto é, o processo só acontecerá a partir de verbos transitivos diretos.

A idéia de remeter a análise dos dados à perspectiva diacrônica se torna interessante na medida em que se faça o estudo das condições que geraram as formas relevantes. Não é, porém, objetivo do presente estudo buscar a origem dessas formas nos diferentes períodos diacrônicos da língua portuguesa. Além disso, como ressaltado em Basílio (1987:25), há que distinguir as formas já feitas dos processos de formação de palavras, já que, muitas vezes, o que aconteceu já

não pode mais acontecer. Considera-se, portanto, observação de Bauer (1993), citada em Rocha (1998:47), segundo a qual 'a única maneira realística de se obter uma compreensão adequada de como funciona a formação de palavras é ignorando-se as formas lexicalizadas e concentrando-se nos processos produtivos.'

Nesse sentido, propõe-se discutir algumas das formações adjetivais em *-vel* que escapam à regra da transitividade verbal da base, em termos de pressupostos teóricos referentes ao licenciamento dos argumentos na estrutura sintática. Os dados relevantes são formas como 'confiável', 'incrível', 'inacreditável', 'razoável' etc. Serão consideradas ainda as formações 'imexível', 'gostável'. Aplicando-se a RFP, as formas verbais que servem de base são 'crer', 'acreditar', 'gostar', 'mexer', cujos argumentos internos são introduzidos por preposição: *Maria crê/ acredita em Deus; Maria gosta de João; O Ministro mexeu em uma empresa estatal.*

A forma *imexível*, cunhada há alguns anos por um ministro da República, deu margem a diversas considerações. De acordo com Possenti (2001:60), "(...) quando ele [o ministro] disse que aquele Plano era imexível, pode ter dito uma enorme cretinice do ponto de vista econômico, político etc. Mas, do ponto de vista da morfologia do português, não fez mais do que produzir uma palavra nova segundo as regras correntes, as mesmas regras que fazem palavras como 'impublicável', 'incorrigível' e muitas outras". No entanto, na formação de 'imexível', a aplicação da regra dá-se a partir de um verbo com transitividade indireta, afetando um argumento interno com função locativa, o que impede uma comparação direta com palavras como 'impublicável', 'incorrigível', derivadas de verbos transitivos diretos. Ignorando-se a questão da dicionarização e da resistência de puristas às novas formas lingüísticas, não se pode negar a estranheza causada pela emergência da nova palavra. Nesse caso, a restrição de 'aceitabilidade' pelo falante pode ser justificada pelo fato de a forma resultante predicar de um argumento interno com função locativa, e não de um tema argumental.

Cabe então indagar por que as formas 'inacreditável', 'incrível', 'confiável' se mostram perfeitamente aceitáveis. Seguindo Mateus et al. (2003), pode-se considerar que os verbos como 'acreditar', 'confiar' selecionam objeto direto, na estrutura profunda, sendo a preposição um elemento inserido na sintaxe. De acordo com Salles (1992), a preposição é uma categoria funcional, que ocorre como marcadora de Caso,⁴ o que se confirma pelo fato de sua distribuição ser determinada pelo estatuto categorial do complemento, conforme ilustrado em (9a), em oposição à (9b).

- (9) a. Maria crê/ acredita/ confia em Deus
b. Maria crê/acredita \emptyset que Deus existe
Maria confia que será eleita

Nessa linha de raciocínio, explica-se a emergência de 'gostável', menos aceitável do que 'inacreditável' e 'incrível', embora preferível a 'imexível'. Como os verbos-base 'acreditar', 'crer', 'confiar', a ocorrência da preposição marcadora de Caso 'de' é determinada pelo estatuto categorial do complemento do verbo 'gostar' (cf. (10)):⁵

- (10) a. Bia gosta de chocolate
b. Bia gosta \emptyset que lhe dêem chocolate

Quanto às formações 'presidenciável', 'prefeitável' e 'reitorável', há análises que postulam serem elas derivadas dos nomes que designam as funções – 'presidente', 'prefeito' e 'reitor' –, como em Basílio (2002), ou dos verbos 'presidir', 'prestar' e 'reitorar', construídos em analogia com verbos como 'gerenciar', derivado do nome da função 'gerente'.

⁴ Nesse aspecto, segue-se a teoria do Caso formulada em Chomsky (1986), segundo a qual as preposições marcadoras de Caso não têm propriedades de seleção argumental, sendo, portanto, categorias gramaticais (em oposição a lexicais). Disso decorre a flutuação na regência de alguns verbos (cf. Salles 1992, para uma análise do português).

⁵ A RFP não se aplica facilmente a outras estruturas com preposição marcadora de Caso como em: *Maria insistiu na idéia/ ???A idéia é insistível; Maria desistiu da idéia/ ???A idéia é desistível; Maria depende dos pais/ *Os pais são dependíveis*. Essa questão será examinada em pesquisa futura.

Na hipótese de derivação a partir das formas verbais citadas, tem-se uma solução e um problema: generaliza-se a aplicação da regra segundo a qual os adjetivos em *-vel* são formados a partir de uma base verbal, mas a forma resultante predica do argumento externo, se for mantida a analogia com ‘gerenciar’, como ilustrado em (10):

- (11) a. Bia gerenciou a loja > A loja é gerenciável
b. Lula *presidienciou o Brasil > Lula é presidenciável

Uma solução para o problema é abandonar a analogia com o verbo ‘gerenciar’ e entender que formas adjetivais como ‘presidenciável’ são derivadas a partir de uma estrutura causativa, como ilustrado em (12):

- (12) O povo fez Lula presidente

Nessa configuração, é possível a aplicação integral da regra, já que a forma resultante predica do argumento interno da estrutura causativa – *Lula*. Com isso, é possível estabelecer um paralelo com as formas verbais ‘petrificar’, ‘esmigalhar’, ‘coisificar’ (também ‘reificar’), que são derivadas na estrutura causativa ‘X faz Y pedra/migalha/coisa’, em analogia com ‘humanizar’ (X faz Y humano > X humaniza Y), ‘eternizar’ (X faz Y eterno), entre outras, que derivam de bases adjetivais.

De todo modo, não há como explicar por que as formas ‘presidenciar’, ‘prefeitar’, ‘reitorar’ não estão atestadas, diferentemente de ‘petrificar’, ‘esmigalhar’. Pode-se propor que há restrições semânticas envolvidas no processo, pois, as formas ‘petrificar’, ‘esmigalhar’, ‘eternizar’ comportam um traço permansivo, ou seja, um traço de permanência: uma vez petrificado, assim permanecerá. Da mesma forma que ‘petrificado’, ‘eternizado’ etc. Já a forma *presidenciado é inadequada, já que, para o conhecimento de mundo do falante, não comporta o traço de permansividade — afinal, uma característica do sistema presidencialista é a rotatividade no poder.

De acordo com a proposta de Basílio (2002:58), os adjetivos ‘presidenciável’, ‘prefeitável’ e ‘reitorável’ são derivados dos nomes que designam as respectivas

funções, e não de verbos, o que indica haver uma seleção com critérios semânticos em detrimento dos critérios sintático e morfológico. Assumindo-se com a autora (cf. Basílio 1980:7) que “*numa abordagem gerativa, podemos dizer que a morfologia derivacional é a parte da gramática que dá conta da competência do falante nativo no léxico de sua língua*”, cabe explicitar como o critério semântico se articula com as propriedades (morfos) sintáticas dessa competência. Na presente análise, retém-se a hipótese da derivação a partir da base nominal, recebendo o critério semântico uma formulação sintática: na estrutura causativa analítica, a base nominal deve apresentar propriedades predicativas de seleção argumental.

As questões relativas à formação dos adjetivos em *-vel* remetem ao tema da produtividade, a ser discutido na seção seguinte.

Produtividade de adjetivos em *-vel*

Intimamente ligado às formas derivadas, o conceito de produtividade está atado à capacidade criativa do falante nativo. Cabe então indagar o que é a produtividade e o que leva um item a ser mais produtivo que os outros elementos de sua ordem morfológica. Segundo Aronoff (1976:35)

Yet productivity is one of central mysteries of derivational morphology. It is the root of the strange and persistent fact that, though many things are possible in morphology, some are more possible than others.

Pode-se dizer que um dado elemento é produtivo na medida em que pode criar (gerar) novos exemplos do mesmo tipo, ou seja, um certo morfema é produtivo quando o falante utiliza para gerar novas palavras a partir de outro lexema. Nessa noção, há também itens não-produtivos e semiprodutivos. A produtividade pode ser também reconhecida de acordo com a maior generalidade de um dado processo, ou seja, quanto mais geral um determinado artifício de formação, mais produtivo será esse processo.

De acordo com Katamba (1993:72), a relação entre uma regra de formação de palavra produtiva e uma não-produtiva não é dicotômica — “it is not a dichotomy”. Os elementos considerados produtivos estão ajeitados em uma seqüência tal que

as condições que as diferem são minimamente percebidas, ou seja, estão dispostas em um *continuum*. Uma dada RFP ou mesmo um item envolvido no processo de formação de palavra pode ser recorrente em uma certa fase da língua e tornar-se improdutivo em um estágio mais avançado. Temos como exemplo a produtividade, no momento atual do português brasileiro, do radical grego⁶ — *dromo*. Contrariamente à tendência grave do português — a preferência vernacular das paroxítonas — tem-se registrado muitas formas novas com o — *dromo*, sempre proparoxítonas: ‘fumódromo’, ‘camelódromo’, ‘sambóbromo’ etc. A produtividade também é atestada com o acionamento da regra em situações emergenciais, as chamadas formações esporádicas. De acordo com as condições morfo-semânticas, na presença de itens lexicais envolvidos no processo mais a situação discursiva do momento, pode-se criar uma palavra para designar um lugar definido por uma situação. Por exemplo: ficódromo (lugar onde os namorados ‘ficam’, isto é, onde ficam juntos para namorar), beijódromo (lugar onde casais se beijam) etc.

Podemos afirmar que, no estágio atual da língua, estamos em um momento produtivo para o afixo —*dromo* (para a RFP *X-dromo*). Por outro lado, formas derivadas com os afixos —*este* e —*estre*, como ‘agreste’ e ‘silvestre’, não mais são atestadas, diacronicamente, em novas derivações. Vale lembrar que, a improdutividade acontece na RFP *X-este* e *X-estre*, implicando assim em uma improdutividade da regra, não do afixo. Estes exemplos apontam para a relação entre a diacronia e a produtividade nas línguas, cuja discussão requer o exame das condições de formação dos itens no período diacrônico em que foram produzidos, como apontado na seção anterior. Katamba (1993:70) sugere que

in the process of refining our understanding of productivity we \must consider the time dimension. Let us assume, to begin with, that a word-formation process is productive if it is in current use. Frozen or atrophied process [...] may be regarded, for practical purposes, as virtually unproductive in contemporary [...].

⁶ Há discussões acerca das formações oriundas de elementos de composição a respeito sobre flexão ou derivação, ou seja, qual o *status* morfológico desses elementos – radicais ou afixos? Uma vez que sua realização se dê sempre como o segundo elemento da composição. Não é objetivo deste trabalho tomarmos partido nessa discussão.

No acionamento de uma RFP, os afixos envolvidos podem selecionar características categoriais para que o processo ocorra. Por exemplo, para cada adjetivo em português, pode-se prever a contraparte adverbial formada com o sufixo *-mente*. Tem-se então: ‘belo’ → ‘belamente’; ‘casual’ → ‘casualmente’; ‘amável’ → ‘amavelmente’; ‘incrível’ → ‘incrivelmente’ etc. Portanto, as condições de se operar em uma RFP para o sufixo *-mente* são bastante favoráveis, uma vez que este é compatível com todos os adjetivos da língua – o que o torna um afixo altamente produtivo em português. Há uma “preferência lexical tendenciosa” a favor do afixo *-mente*, uma vez que o mesmo, não sendo seletivo com as suas bases, sua produtividade será quantitativamente superior aos mais seletivos. Porém, considerações somente quanto ao número de *outputs* de uma dada RFP não fazem justiça quanto à maior produtividade dessa regra em relação à outra regra. Há outros fatores envolvidos na condição de produtividade. Segundo Aronoff (1976:36), “by this method we could arrive at a simple index of productivity for every WFR: the ratio of possible to actually listed words.”⁷

O fato é que se deve considerar a relação entre produtividade e probabilidade. Uma regra pode produzir muito, mas a probabilidade nem sempre condiz com a produtividade da regra. Por exemplo, o inglês apresenta os sufixos *-ness* e *-ity*, ambos formadores de adjetivos a partir de nomes (cf. *happyness* e *felicity*). Teoricamente ambos apresentam o mesmo nível de produtividade, mas a ocorrência de *-ness* é cinco vezes maior em relação às ocorrências em *-ity*.⁸ As restrições impostas pelas bases determinam a diferença de ocorrência, pois a RFP solicita bases latinas para a formação em *-ity*. “All words containing the morpheme +ity, for exemple, are Latinate. This can bi shown by the fact that all words of the form X-icity (lubricity,felicity) undergo Velar Softening, with, as noted, only applies in latinate forms” (Aronoff 1976:51).

A produtividade está também relacionada à transparência semântica, ou seja, entre um item mais ou menos transparente, o falante vai optar pelo mais

⁷ Word Formation Rule - WFR

⁸ (Walter 1936 *apud* Aronoff 1976:36)

transparente. Kiparsky (1982) estratificou a relação entre transparência e produtividade considerando como processos de nível 1 aqueles que causam alterações nas bases e não são regulares. Os menos transparentes são também menos regulares e conseqüentemente menos produtivos. Já os processos dos estratos de nível 2 são considerados mais regulares, mais transparentes e, portanto, mais produtivos.

Estrato 1 [-transparentes]: *-ous* (significado vago) → *herbivorous, glamorous*

Estrato 2 [+transparentes]: *-less* (significado evidente) → *homeless, shameless*

Assim, para o falante, um processo produtivo não pode ter um resultado semântico vago, ou seja, há a necessidade de que haja coerência semântica no processo.

Na presente análise, propomos a aplicação generalizada da RFP ilustrada em (1) na formação dos adjetivos em *-vel* examinados – a forma derivada predica de um tema argumental selecionado pela categoria que serve de base à derivação (um verbo ou um nome realizado em estrutura causativa analítica). Apontamos ainda que os adjetivos em *-vel* produzem formas semanticamente transparentes. Além disso, verificamos que o sufixo *-vel* não leva a tonicidade do vocábulo derivado com sua afixação, não havendo alteração morfofonológica da base, o que remete à preferência grave do português (cf. seção 2). A regularidade da aplicação da RFP, a transparência semântica, bem como as propriedades morfofonológicas da forma derivada indicam que o processo está situado no estrato 2, associado na hierarquia de Kiparsky (1982) aos processos produtivos.

Conclusão

Diz-se, na lingüística que as línguas não produzem, não falam e nem articulam formações sintáticas ou semânticas, morfológicas ou fonológicas. Estes mecanismos são realizados pelos falantes, ou seja, pelas pessoas que falam essas línguas. Sabe-se que a lógica mental utiliza-se, por vezes, de caminhos diferentes, mesmo com fatos aparentemente análogos à primeira vista. Tais fatos, em uma análise mais acurada, revelam-se como uma reinterpretação de uma

dada regra - o que impossibilita, muitas vezes, o uso de generalizações. As regularidades não são rotineiras na formação de palavras. Nas formas em -vel derivadas a partir de verbos transitivos indiretos, como em 'confiável', 'gostável', vimos que a interpretação lexical não considera a preposição, que assume o papel sintático de marcadora de Caso, tendo o seu complemento estatuto sintático de objeto direto. Nossa interpretação não desconsidera a explanação diacrônica de Sandmann (1991), mas aponta, no plano sincrônico, a ocorrência de uma reinterpretação sintática das bases verbais envolvidas na regra de formação

Nas formações adjetivais oriundas de verbos não atestados na língua, como é o caso de 'prefeitável', 'presidenciável' e 'reitorável', partimos de uma interpretação de estrutura causativa, quando X faz Y presidente – nos mesmos moldes de X faz Y pedra → 'pretifica'. Assim, a competência lexical se responsabiliza da interpretação direta da forma adjetival, estando a forma (não atestada) do verbo *prefeitar, *presidir, ou *reitorar em inércia morfológica, embora já disponível no léxico - o que possibilita a utilização nas RFPs do falante. Assim, ele aciona a contraparte de RAE (regra de análise estrutural) (Basílio, 1980: 49) e obtém a interpretação das formas citadas a partir do conhecimento prévio do mecanismo que gera outras formas em -vel.

Considerando o léxico como lugar de encontro das partes gramaticais, há sempre um compartilhamento de interpretações para fenômenos que buscam explicar a competência lexical do falante. O percurso da construção e análise dos dados do presente trabalho apontou para facetas a serem ainda investigadas a respeito das formações em -vel. Dados os objetivos primeiros deste trabalho, pesquisas acerca das imposições semânticas relativas às formas oriundas das bases adjetivais, das quantificações das ocorrências, ou ainda aquelas que requerem uma investigação diacrônica, constam agora como projeto futuro de pesquisa.

Uma vez que capacidade criativa do falante não apresenta limites, uma pesquisa de seu mecanismo competente tem a forte tendência de apontar para novos horizontes de investigação.

Referências Bibliográficas

- ARONOFF, Mark. 1985. *Word Formation in generative grammar*. 3 ed. Massachusetts: Mit Press.
- BASÍLIO, Margarida. 1979. *Estruturas lexicais do português: uma abordagem gerativa*. Petrópolis: Vozes.
- _____. 2002. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática.
- CASTILHO, Ataliba T. BASÍLIO, Margarida. S.d. *Gramática do português falado*. Vol. IV. Campinas: Ed. Unicamp.
- HOUAISS, Antônio. 2001. *Dicionário Eletrônico*. 1ª versão. São Paulo: Ed. Objetiva.
- KATAMBA, Francis. 1993. *Morphology*. Hampshire: Palgrave.
- MATTOSO CÂMARA, Joaquim. 1999. *Estrutura da língua portuguesa*. 29 ed. Petrópolis: Vozes.
- POSSENTI, Sírio. 2001. *A cor da língua e outras crônicas de Lingüística*. 1 ed. Campinas: Mercado das Letras.
- RAPOSO, Eduardo Paiva. 1998. *Teoria da gramática: a faculdade da linguagem*. 2 ed. Lisboa: Editorial Caminho.
- ROCHA, Luis Carlos de Assis. 1999. *Estruturas morfológicas do português*. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- SALLES, Heloísa. 1992. *Proposições essenciais do português: um estudo preliminar*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Brasília.
- SANDMANN, Antônio José. 1991. *Competência lexical*. 1 ed. Curitiba: Editora da UFPR.
- _____. 1997. *Morfologia geral*. 3 ed. São Paulo: Contexto.
- SPENCER, Andrew. 1995. *Morphological Theory: an introduction to Word structure in generative grammar*. Cambridge: Blackwell Publishers.
- SPENCER, Andrew, ZWICKY, Arnold M. 1998. *The handbook of morphology*. Oxford: Blackwell Publishers.